

**Encontros e Desencontros:
Modernismo e Conjuntos Habitacionais na metrópole paulistana**
Marcelo Tramontano, Mayara Dias de Souza. 2004

como citar este texto:

TRAMONTANO, M. ; SOUZA, M. D. . Encontros e Desencontros: Modernismo e Conjuntos Habitacionais na Metrópole Paulistana. In: I Seminário Docomomo São Paulo, 2004, São Paulo. I Seminário Docomomo São Paulo, 2004. Disponível em:
<http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html> Acessado em: dd / mm / aaaa

RESUMO

O objetivo deste artigo é, em primeira instância, verificar a maneira como o projeto de certos conjuntos habitacionais paulistanos da primeira metade do século XX realmente incorporou ou não elementos referenciados no ideário modernista europeu, como costumam afirmar diversos autores nacionais. Em seguida, propõe-se a investigar em que medida projetos habitacionais posteriores desenvolveram e se utilizaram de tais preceitos. Para tanto, serão estudados alguns exemplos emblemáticos construídos na área metropolitana, como o conjunto Zézinho de Magalhães, em Guarulhos, e o IAP Vila Guiomar, em Santo André. O método de análise utilizado para o estudo baseia-se na comparação de plantas das unidades habitacionais, que constitui prática de pesquisa clássica e consagrada. Finalmente, quer-se apresentar uma comparação dessas plantas de meados do século XX com plantas de conjuntos produzidos pela COHAB-SP no distrito de Cidade Tiradentes, nos anos 1980, e plantas de conjuntos construídos nas gestões das prefeitas Luiza Erundina (1989-1992) e Marta Suplicy (2001-2004). Nessas duas gestões municipais, foram produzidos exemplares considerados inovadores pela crítica arquitetônica nacional.

ENCONTROS E DESENCONTROS: MODERNISMO E CONJUNTOS HABITACIONAIS NA METRÓPOLE PAULISTANA¹

Prof. Dr. Marcelo Tramontano (1); Arq. Mayara Silva Dias (2)

(1) Professor Livre-Docente Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos_ Universidade de São Paulo, coordenador do Nomads.usp Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida, da USP. tramont@sc.usp.br

(2) Arquiteta Mestranda no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos_ Universidade de São Paulo, pesquisadora do Nomads.usp_ Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida, da USP. mayara@sc.usp.br

Resumo

O objetivo deste artigo é, em primeira instância, verificar a maneira como o projeto de certos conjuntos habitacionais paulistanos da primeira metade do século XX realmente incorporou ou não elementos referenciados no ideário modernista europeu, como costumam afirmar diversos autores nacionais. Em seguida, propõe-se a investigar em que medida projetos habitacionais posteriores desenvolveram e se utilizaram de tais preceitos. Para tanto, serão estudados alguns exemplos emblemáticos construídos na área metropolitana, como o conjunto Zézinho de Magalhães, em Guarulhos, e o IAP Vila Guiomar, em Santo André. O método de análise utilizado para o estudo baseia-se na comparação de plantas das unidades habitacionais, que constitui prática de pesquisa clássica e consagrada. Finalmente, quer-se apresentar uma comparação dessas plantas de meados do século XX com plantas de conjuntos produzidos pela COHAB-SP no distrito de Cidade Tiradentes, nos

¹ Este trabalho apresenta resultados da pesquisa de mestrado intitulada "[DES] Interesse Social: a imagem dos apartamentos em São Paulo", em curso de realização no Nomads.usp_ Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida, da Universidade de São Paulo, cuja base de dados contém informações sistematizadas sobre diversos conjuntos habitacionais construídos na cidade de São Paulo ao longo do século XX, até os dias atuais.

anos 1980, e plantas de conjuntos construídos nas gestões das prefeitas Luiza Erundina (1989-1992) e Marta Suplicy (2001-2004). Nessas duas gestões municipais, foram produzidos exemplares considerados inovadores pela crítica arquitetônica nacional.

Em todos eles, nota-se a preocupação com a produção seriada e com a densidade de ocupação dos edifícios, além do uso freqüente da estrutura independente de concreto com vedações de alvenaria e da implantação em fileiras paralelas, priorizando a orientação solar. No que se refere à espacialidade interna, no entanto, as plantas parecem ter pouco em comum com as *siedlungen* alemãs do entre-guerras ou com projetos corbuseanos conhecidos, como será demonstrado.

Abstract

The main goal of this paper is to verify if the design of some housing complexes built within the city of Sao Paulo in the first half of 20th century has included european modernist ideas or elements, as several brazilian authors use to affirm. Moreover, this article wants to investigate if later complexes' projects have developed such concepts. Some iconic metropolitan complexes will be examined, such as both the Zezinho de Magalhaes and the IAP Vila Guiomar projects. The proposed method of analysis is based on the comparison of dwelling plans, which is a well-known, well-accepted method. We also want to present a comparison between those plans and the apartments produced by COHAB-SP for Cidade Tiradentes district, in the eighties, and also those built under Luiza Erundina (1989-1992) and Marta Suplicy (2001-2004) local governments.

1. Introdução

A proposta moderna de habitação, como colocada após a Primeira Guerra Mundial na Alemanha e, posteriormente, na França, alimenta-se dos desdobramentos de certas ideologias, atitudes políticas, conjunturas

econômicas e avanços técnicos originados - ou acentuados - a partir da industrialização do continente, ocorrida principalmente no eixo Inglaterra-França-Alemanha.²

Os princípios básicos da habitação moderna foram expressos por Le Corbusier em suas *unités d'habitation*, onde defendia a idéia de que o edifício deveria abrigar todas as funções que o homem necessitasse para viver. A essa funcionalidade correspondiam elementos pré-fabricados, materiais e técnicas construtivas reproduzíveis em qualquer lugar do mundo, constituindo uma arquitetura universal. Seus cinco pontos refletiam claramente essas idéias – pilotis, terraço-jardim, planta livre, fachada livre e janelas na horizontal – e passaram a ser referência internacional, inclusive para jovens arquitetos brasileiros, como sabemos.

O conceito de habitação popular no Brasil recebe contribuições do Movimento Moderno europeu, cuja participação e objetivos em torno das expectativas geradas pela Primeira Guerra Mundial, era de produção de moradias em larga escala. Os conjuntos projetados valorizavam o espaço público, os equipamentos coletivos, a construção de espaços racionalizados, os programas habitacionais e a sociabilização nos modos de morar.

No entanto, os primeiros edifícios habitacionais 'modernos' brasileiros limitaram-se a um arremedo plástico de alguns dos conceitos enunciados pelo Cubismo, sem, contudo, comportarem em seu processo construtivo os indícios da “habitação moderna para uma nova sociedade” - a industrial - produzida em série e com materiais igualmente padronizados.³ As idéias européias podem ser identificadas no período do nacional-desenvolvimentismo, onde o país desejava, além da consolidação da industrialização, a resolução de problemas

² TRAMONTANO, M. Espaços Domésticos Flexíveis-Notas sobre a Produção da 'Primeira Geração de Modernistas Brasileiros'. São Paulo: FAUUSP, 1993. Mimeo.

³ Idem, ibidem.

de caráter social, como as migrações urbanas, contando com a intervenção do Estado

A partir da ditadura de Vargas, a questão da habitação social também se coloca no âmbito do novo papel que o Estado assume de regular a economia e muito das relações sociais. Nossos arquitetos modernistas adaptaram modelos europeus a peculiaridades do povo, resultando, entre os anos 1940 e 1950, em uma significativa produção de habitação social produzida com o patrocínio dos Institutos de Aposentadoria e Pensões, os IAPs.⁴

Nos projetos dos IAPs, podia-se constatar a preocupação dos arquitetos modernistas brasileiros com a valorização de espaços coletivos, e sua visão de habitação como serviço público. Além disso, como seus colegas europeus, prezavam a produção em série e a implantação em fileiras, ainda que empregassem métodos construtivos artesanais e mão-de-obra pouquíssimo qualificada.

A partir do golpe militar de 1964, o governo cria o Banco Nacional da Habitação, BNH, na tentativa de minimizar a crise habitacional que o Brasil atravessava. Seu principal objetivo era implementar um setor produtivo importante e combater o desemprego, tendo como sub-produto a construção de moradias ao menor custo possível.⁵ Entretanto, a produção das habitações ocorreu de modo a beneficiar grandes construtoras ignorando a qualidade das obras. Sob intenso autoritarismo, a desastrosa política do BNH foi marcada por uma incompreensível desarticulação entre a política habitacional e a urbana, produzindo conjuntos “com uma arquitetura medíocre e um desprezo pelos espaços públicos, em conjuntos distantes do centro e desprovidos de

⁴ BONDUKI, Nabil Georges (Ed.), ANDRADE, Carlos & ROSSETTO, Rossella. **Arquitetura e habitação social em São Paulo – 1989/1992**. São Carlos, II Bienal Internacional de Arquitetura – EESC_USP, 1993.

⁵ SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 1997.

equipamentos sociais”, nos dizeres de Bonduki.⁶

2. Zezinho Magalhães

Do final dos anos 1960 e início dos anos 1970 data o projeto do Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado, localizado no município de Guarulhos, também conhecido como Cecap-Cumbica, pelos arquitetos João Batista Vilanova Artigas, Fábio Penteadó e Paulo Mendes da Rocha.

O primeiro conjunto construído pelo governo estadual, abrigando cinco mil pessoas distribuídas em núcleos menores e autônomos onde, além da habitação, estariam locados comércios, escolas, pontos de ônibus, centro de saúde, etc., em uma clara alusão ao princípio das unidades de vizinhança corbuseanas.⁷

Além dos pilares, apenas as paredes externas das extremidades dos blocos de apartamentos eram portantes, de concreto. As demais divisórias eram todas leves: de painéis de madeira compensada, no interior, e módulos de armários pré-fabricados em argamassa armada, nas fachadas externas. Não apenas o interior era reorganizável mas, a rigor, também a fachada. O conjunto fazia parte das discussões sobre a racionalização, a pré-fabricação e a industrialização das construções que permearam o debate arquitetônico brasileiro durante toda a década de 1970.⁸

A planta revela sua filiação com interiores domésticos de interesse social desenhados pelos primeiros modernistas europeus, ao recusar a chamada

⁶ BONDUKI, Nabil Georges (Ed.), ANDRADE, Carlos & ROSSETTO, Rossella. **Arquitetura e habitação social em São Paulo – 1989/1992**. São Carlos, II Bienal Internacional de Arquitetura – EESC_USP, 1993.

⁷ TRAMONTANO, M. **Novos modos de vida, novos espaços de morar**: Paris, São Paulo, Tokyo. Tese de Doutorado. São Paulo: FAU-USP, 1998.

⁸ TRAMONTANO, M. *idem*, *ibidem*

tripartição burguesa, em áreas social, íntima e de serviços. Nesse apartamento, os dormitórios constituem uma faixa que se abre para todo o restante dos cômodos, indiferentemente sala ou cozinha. Além disso, o fato de utilizar-se de divisórias móveis confere-lhe a possibilidade de facilmente alterar a função e, portanto, a hierarquia dos espaços internos.

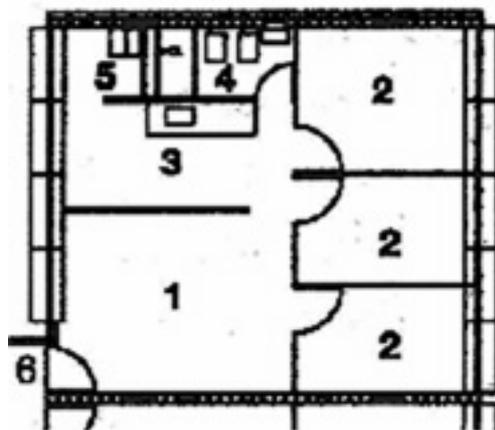


Fig. 1: Conjunto Zezinho Magalhães: planta de apartamento

3. Vila Guiomar

Carlos Frederico Ferreira, um dos mais produtivos arquitetos da habitação moderna brasileira, projeta e constrói, em 1949, em Santo André, na Grande São Paulo, o conjunto habitacional Vila Guiomar que, apesar de apresentar apenas um dos tais cinco pontos de Le Corbusier – os edifícios apóiam-se sobre pilotis – obedecia a uma estética e a uma implantação em fileiras eminentemente modernistas.

Os apartamentos possuem dois ou três dormitórios, sala, cozinha e banheiro. Sua distribuição interna também exhibe traços modernistas, ao unir cozinha e sala, por exemplo, em um expediente conhecido. O restante da planta parece indicar uma idéia de flexibilidade inovadora, em que um dos espaços de dormir

inclui a circulação, funcionando de forma multi-uso.

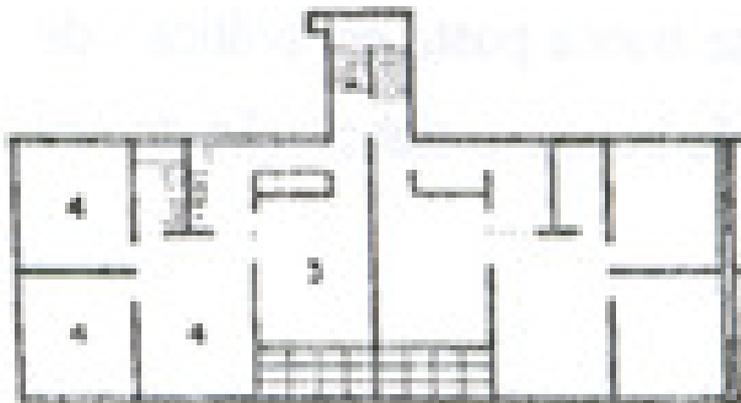


Fig. 2: IAP Vila Guiomar: planta de apartamento

4. Cidade Tiradentes

Nos anos 1970, constata-se a produção de grandes conjuntos habitacionais destinados à população de baixa renda. No caso da cidade de São Paulo especificamente, os conjuntos produzidos pela COHAB localizam-se em áreas de baixo valor comercial, em bairros periféricos longe do centro e sem infraestrutura necessária a vida dos moradores. A tipologia arquitetônica repetitiva em todos os conjuntos ignora espaços coletivos, conforto e tamanho das unidades e a qualidade construtiva dos blocos.

O complexo habitacional de Cidade Tiradentes começou a ser construído em princípios da década de 1970, mas a maior parte de sua execução se deu já nos anos 1980. Sendo uma obra do Estado, através do Sistema Financeiro da Habitação, abrigou os mais variados perfis de moradores que para lá foram deslocados.

O critério de escolha por esse tipo de conjunto habitacional deveu-se, obviamente, ao reduzido valor das terras em periferias então distantes, cuja implantação causou grande impacto ambiental. Cidade Tiradentes foi construída em área rural, numa situação absolutamente desprovida de sinais urbanos anteriores e produziu a destruição de vegetação significativa ou das

fazendas anteriormente existentes, substituindo-as por paisagens urbanas áridas.⁹

Os chamados condomínios – conjuntos de edifícios interligados por blocos de circulação vertical – funcionam com uso residencial desde sua construção, ainda que, em muitos deles, observe-se a presença de pequenos comércios não-planejados nas franjas de sua área comum.

A imensa maioria dos apartamentos construídos nessa época apresenta basicamente uma mesma organização interna, em cômodos qualificados funcionalmente, reproduzindo, em versão reduzida, a organização burguesa – áreas social, íntima e de serviços.¹⁰ A manutenção da matriz da elite assim miniaturizada é, provavelmente, a grande responsável pela exigüidade dos espaços internos da unidade, em que costumam morar famílias nucleares ampliadas com grande número de membros.¹¹

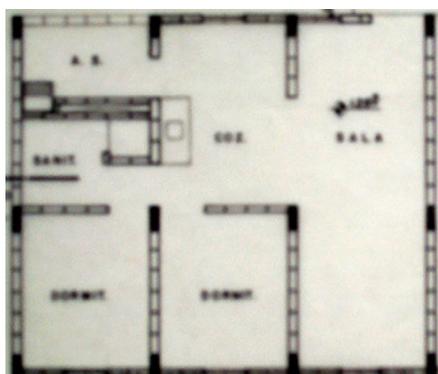


Fig. 3: COHAB Cidade Tiradentes: planta de apartamento

5. Prefeitura de São Paulo 1989-1992

⁹ USINA - Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado. Programa Bairro Lega: Plano de Ação Habitacional e Urbana-Diagnóstico. Distrito Cidade Tiradentes. Relatório Técnico, Abril 2003.

¹⁰ Pesquisa do Nomads.usp coletou e sistematizou plantas referentes a mais de 1500 edifícios produzidos pela COHAB-SP no período, permitindo constatar a espantosa recorrência de plantas.

¹¹ Segundo dados do Recenseamento Geral de 2000, IBGE.

No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, a prefeitura de São Paulo realizou uma política urbana ampla de ocupação de vazios, favorecendo a utilização de redes de infra-estrutura, equipamentos sociais e transportes já implantados. Os conjuntos habitacionais receberam diversificações de acordo com as localidades em que seriam implantados. Tornaram-se constantes a preocupação com a relação entre os conjuntos, o entorno e a cidade, além da participação dos moradores na concepção e, às vezes, na produção das habitações.

O carro-chefe do programa habitacional da Prefeitura de São Paulo era propor soluções inovadoras de baixo custo e melhor qualidade arquitetônica e urbana para as habitações, fugindo assim da repetição e padronização dos projetos anteriores. As novas soluções tiveram então o emprego de novas tecnologias e métodos construtivos, sempre preocupando-se com a melhoria do bem estar da população e respeitando seus modos de morar.

Nas tipologias adotadas, pode-se verificar a preferência pela implantação de conjuntos horizontais ou, de qualquer forma, não muito altos, que estimulassem relações de sociabilidade em seus espaços públicos e coletivos. Outra tipologia adotada nos conjuntos foi a dos sobrados geminados e das casas sobrepostas, que possibilitavam o aproveitamento do lote e a criação de espaços de transição entre a casa e a rua, através de jardins e varandas.

Dentre os expedientes modernistas reutilizados pelos arquitetos nesses projetos estavam os componentes pré-fabricados e industrializados, face à necessidade de produção seriada e intensa, e a priorização do espaço público, como *locus* de uma sociabilidade que tem por base o reconhecimento do direito à cidadania e à expressão social.

Já com relação ao espaço interno, é infelizmente moderna a idéia de que ele

deveria ser desenhado, antes de mais nada, visando a abrigar famílias nucleares, o que pressupõe hierarquias, mas também a manutenção do modelo burguês que se traduz, em fim de contas, em exigüidade.

Finalmente, vale lembrar que a prática de construção de grandes fragmentos urbanos nas franjas da cidade é enunciada pelas *siedlungen* alemãs do início do século, corroborada pelas *unités d'habitation* de Le Corbusier, e reproduzida *ad infinitum* em grandes conjuntos como Cidade Tiradentes.

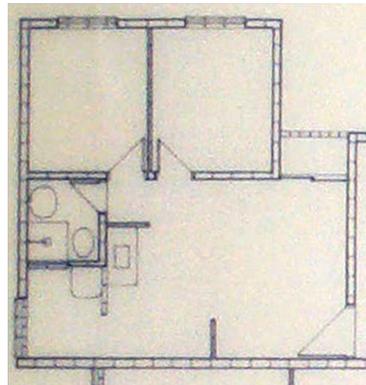


Fig. 4: São Francisco: planta de apartamento

6. Prefeitura de São Paulo 2001-2004

A gestão do Partido dos Trabalhadores na prefeitura de São Paulo, a partir de 2001, preocupa-se nitidamente com a introdução de novas formas de moradias para a população, principalmente de baixa renda. A ênfase na implantação de habitações populares desloca-se das periferias para áreas centrais da cidade. Como se sabe, a grande diferença entre esses dois tipos de implantação concerne a redução de custos necessários para viabilizar as habitações. Enquanto no centro já existe infra-estrutura necessária, nas localidades afastadas, além da falta de serviços, constata-se ainda o ocasionamento de enormes problemas ambientais por conta das novas construções.

Além da oferta de infra-estrutura, acessibilidade e oportunidades de trabalho, o centro apresenta potencialidade para a produção de unidades habitacionais, como a existência de vazios urbanos, de edifícios passíveis de reforma ou

reciclagem, de edifícios de valor arquitetônico ou histórico, para os quais a melhor alternativa de recuperação e manutenção é a reabilitação para uso habitacional.¹²

Ao decidir intervir em edifícios existentes, especialmente aqueles localizados em áreas consolidadas da cidade, a prefeitura demonstra aceitar a cidade 'como-ela-é', com suas contradições, resquícios e interstícios, entre cujos meandros trata-se de alojar pessoas. Nada mais distante da idéia renovadora da *tavola rasa* modernista, que negava a cidade existente e preconizava uma nova cidade para um novo homem. O perfil do morador agora visado é amplo, indo do sem-teto, que ocupa edifícios abandonados, até famílias ampliadas – nucleares ou não – inscritas em programas regulares de financiamento.

Por outro lado, a área dessas habitações é, em certos casos, incrivelmente reduzida, chegando a menos de 30m² para apartamentos de dois dormitórios, onde a chance de residirem grupos domésticos numerosos é, como se sabe, enorme. O fato de acomodarem-se no interior de edifícios que nem sempre são fruto de uma espacialidade racionalizada gera, muitas vezes, plantas recortadas e com grande área ocupada estritamente por circulações.

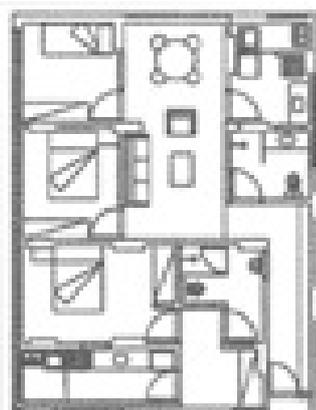


Fig. 5: Morar no centro: planta de apartamento

¹² **Programa Morar no Centro.** Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano. Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo-Cohab_SP, 2004.

7. Considerações Finais

Vários conjuntos habitacionais de interesse social, projetados de acordo com o ideário modernista, foram, pouco a pouco, sendo alterados de maneira significativa. Seus blocos, concebidos como se fossem rodeados de áreas verdes, foram às vezes gradeados pelos moradores e as próprias áreas livres, muradas. Espaços compreendidos entre pilotis passaram a abrigar garagens e depósitos construídos clandestinamente por moradores cujas necessidades espaciais não são atendidas pelo projeto dos apartamentos.

É curioso e triste notar que a história da habitação social no Brasil é escrita, em grande parte, através de relatos de ditaduras, golpes militares, decisões governamentais e mau uso do dinheiro público. Só muito recentemente, e em experiências muito localizadas, o assunto tem passado a ser tratado como produto da participação popular e da concertação com a comunidade, considerando, ainda que minimamente, a opinião dos principais interessados: seus potenciais habitantes.

Várias idéias modernistas ainda persistem nos projetos públicos de habitação, algumas delas por absoluta conveniência: produção em série, padronização de projetos, imutabilidade de soluções construtivas e espaciais desde há décadas, entre outras. Persiste também a idéia de que as habitações devem ser concebidas para a família nuclear, composta por pai, mãe e filhos. É de se espantar que, mesmo em conjuntos mais recentes, não sejam encontrados arranjos internos destinados a abrigar outros formatos familiares, como por exemplo as famílias monoparentais chefiadas por mulheres, tão comum nas parcelas mais pobres da população.

Mas vale ressaltar que, dentre todos os princípios modernistas relacionados à concepção da habitação, um deles – talvez o mais caro – retorna à cena, nas

últimas realizações comentadas nesse trabalho: a habitação social volta a ser um problema da arquitetura, reconhecido como tal por políticos, por arquitetos, por moradores.

8. Bibliografia

BENEVOLO, L. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BONDUKI, N. **Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria**. São Paulo: Estação Liberdade, 1994.

BONDUKI, N., ANDRADE, C., ROSSETTO, R. (ed.) **Arquitetura e habitação social em São Paulo – 1989/1992**. São Carlos: II Bienal Internacional de Arquitetura – EESC_USP, 1993.

FRAMPTON, K. **Historia Crítica de la Arquitectura Moderna**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1993.

FOLZ, R. **Mobiliário na habitação popular – discussões de alternativas para a melhoria da habitabilidade**. São Carlos: Rima, 2003.

GALESI, R., CAMPOS, C. **Edifício Japurá: Pioneiro na aplicação do conceito de “*unité d’habitation*” de Le Corbusier no Brasil**. Texto apresentado no II Encontro DOCOMOMO Estado de São Paulo/ II Seminário do Grupo de Trabalho Vale do Paraíba e Alto Tietê, Taubaté, 6 a 9 de novembro de 2002.

MAGNAVITA, L. **Cohab/SP-Capital, 1965-1990: processos construtivos/Análise de uma questão sem resposta: a habitação social**. Dissertação de Mestrado. EESC-USP, 1994.

OLIVEIRA, M. C. **A valorização da Arquitetura – Projetos de Habitação: a experiência da Prefeitura de São Paulo (1989-1992)**. Dissertação de Mestrado. EESC-USP, 1999.

COHAB **Programa Morar no Centro**. Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano. Companhia Metropolitana

de Habitação de São Paulo-Cohab_SP, 2004.

SACHS, Céline. **São Paulo: políticas públicas e Habitação Popular**. São Paulo: Edusp, 1999.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral (org). **A Promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964**. São Carlos: Rima/FAPESP, 2002.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1997.

SOMEKH, Nádia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador**. São Paulo, 1920-1939. EDUSP / Studio Nobel / FAPESP, São Paulo, 1997.

TRAMONTANO, M. **Novos modos de vida, novos espaços de morar**: Paris, São Paulo, Tokyo. Tese de Doutorado. São Paulo: FAU-USP, 1998.

TREVISAN, N. **Avaliação dos Conjuntos Habitacionais de Pedregulho e Zezinho de Magalhães Prado**. Monografia apresentada para obtenção de crédito junto ao Programa de Pós Graduação da Escola de Engenharia de São Carlos_ Universidade de São Paulo. São Carlos: EESC, 2002.

USINA - Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado. **Programa Bairro Legal: Plano de Ação Habitacional e Urbana-Diagnóstico**. Distrito Cidade Tiradentes. Relatório Técnico, Abril 2003.

Créditos das Imagens

Imagem 01: Conjunto Zezinho Magalhães

TREVISAN, N. **Avaliação dos Conjuntos Habitacionais de Pedregulho e Zezinho de Magalhães Prado**. Monografia apresentada para obtenção de crédito junto ao Programa de Pós Graduação da Escola de Engenharia de São Carlos_ Universidade de São Paulo. São Carlos: EESC, 2002.

Imagem 02: Vila Guiomar

TRAMONTANO, M. **Novos modos de vida, novos espaços de morar**: Paris,

São Paulo, Tokyo. Tese de Doutorado. São Paulo: FAU-USP, 1998.

Imagem 03: Cidade Tiradentes

Banco de Dados Nomads.Usp

Imagem 04: Conjunto Parque Europa

Banco de Dados Nomads.Usp

Imagem 05: Edifício S. Vito

COHAB **Programa Morar no Centro**. Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano. Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo-Cohab_SP, 2004.